



O BECO DA MEMÓRIA BRASILEIRA: O DESPERTAR DA ANCESTRALIDADE PRETA E DA REALIDADE DA FAVELA COM UMA TURMA DE 2º ANO DE ENSINO MÉDIO A PARTIR DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Roberta Dayne de Oliveira Couto Barreto¹

INTRODUÇÃO

Bem sabemos das duas principais dificuldades em escolher os paradidáticos para o público adolescente. A primeira se dá pela cultura do culto e do erudito dentro do ambiente escolar, de forma a excluir outras possibilidades literárias; a segunda se dá pela preocupação em agradar a faixa etária: sabemos que o jovem não cultiva o hábito da leitura, portanto, nossa intenção deve ser sempre aproximá-lo do hábito de ler e da sua realidade de forma natural e autêntica. Partindo dessa premissa, resolvemos levar “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo, para as turmas de 2ºs anos do Ensino Médio no ano de 2022, e trabalhamos a obra inserindo-a numa metodologia diferente: através de uma Gincana Literária. A intenção foi promover o despertar desse público para nossas origens de forma que conseguíssemos fazer reflexões sobre o processo social a partir da narrativa étnico-racial da autora, mais conhecida pela abordagem das escrituras.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

A narrativa para fora

“Becos da Memória” é um conjunto de relatos de moradores de uma favela prestes a um desfavelamento. As pessoas são retiradas das suas casas para

¹ Mestranda em Culturas Populares pela UFS. Professora de Produção de Texto, Língua Portuguesa e Projetos de Aprendizagem na Rede SESI de Aracaju, SE. E-mail: robertadayne@outlook.com



construírem em outro espaço seus novos lares com pequeníssimas quantias de dinheiro ou pedaços de madeira. Por vezes conhecemos os personagens através da personagem principal, Maria Nova, por vezes nos debruçamos com uma narradora onipresente e, assim, mergulhamos no cotidiano desses grupos familiares marcados pelos desafios, dores, lutas, sonhos e pela pobreza extrema que costuram seus passados ao presente.

“Nada do que está narrado em *Becos da Memória* é verdade, nada do que está narrado em *Becos da Memória* é mentira” (EVARISTO, 2018, p. 10). Apesar de Conceição iniciar a obra com esse fragmento tão impactante quanto as histórias ali contidas, é possível que identifiquemos verdade em todas as descrições feitas por ela ao longo da narrativa, pois nada do que foi posto foge da nossa realidade e, portanto, está presente nos noticiários - infelizmente. Além das problemáticas sociais que permeiam o racismo estrutural, temas como abuso sexual, violência psicológica e miséria são delicadamente inseridos a partir de uma abordagem forte e autêntica. Por essa razão, podemos dizer que sendo verídicos ou não, os personagens criados carregam o estereótipo de muitos brasileiros.

Desde o primeiro contato do 2º ano de Automação Industrial B com a obra, ficou evidente o engajamento e a disposição dos discentes para a leitura, aprendizagem e desenvolvimento das atividades da gincana. Entendemos que esse processo se deu através do autorreconhecimento étnico e ancestral da maioria que dela faz parte. Podemos perceber que existe uma estreita relação com a ancestralidade principalmente em comunidades quilombolas, nas quais muitas tradições são herdadas de seus antepassados africanos. Por essa razão, podemos dizer que em relação ao Brasil:

Mesmo em momento como o atual, em que é outra a correlação de forças ideológicas, não desaparece totalmente a presença significativa da ancestralidade, sobretudo entre as camadas não letradas. [...] Haverá assim, a ancestralidade discursiva do texto oral, a constelação de figuras de velhos como forma de plasmá-la imagetivamente e, por fim, uma luta surda contra morte que, sendo descontinuidade, se pode exorcizar pela certeza da ancestralidade. (PADILHA, 2007, p. 27).

O tema da ancestralidade tornou-se recorrente em várias áreas de estudo,



entre elas, está a Literatura. Nesse sentido, muitos escritores afro-brasileiros têm abordado com frequência essa temática em suas produções. Nossa turma, como boa parte das turmas escolares brasileiras, é composta majoritariamente por adolescentes pretos, de classe média baixa e/ou periféricos. Entendemos a força do preconceito que a sociedade reproduz e que, automática e infelizmente, reverbera no ambiente escolar. Compreender a ancestralidade mesmo que de forma sutil, como é o caso da narrativa de “Becos da Memória”, é o ideal para o processo de autorreconhecimento e autovalorização.

A narrativa para dentro

30 de setembro foi a data escolhida para a culminância do projeto de Gincana Literária do Sesi Cefem de Aracaju. Todas as turmas de 2ºs anos do Ensino Médio foram reunidas na quadra da escola para apresentarem suas (re)leituras através de atividades específicas criadas pelo corpo docente da escola. O evento teve como característica principal a realização de um *game* entre as equipes do referente nível de ensino, que responderam perguntas relacionadas ao paradidático, além de suas características mais peculiares. Também foram interpostas tarefas surpresas, perguntas e respostas em formato de “passa ou repassa”.

Nossa intenção primária foi despertar o interesse pela leitura através de um momento lúdico, com atividades prazerosas e repleta de desafios na área de Literatura, de forma que pudéssemos estimular a criatividade dos discentes. A partir disso, gostaríamos de desenvolver o senso crítico, a sensibilidade e a autoestima; além de promover a percepção da Literatura como uma disciplina capaz de impulsionar a compreensão dos processos sociais, o autorreconhecimento, a ancestralidade e a competência leitora.

As tarefas se deram a partir de seis premissas, a saber:

1. Jogo de perguntas e respostas sobre a obra já discutida em sala de aula em formato de *quiz*, elaboradas pelos professores orientadores de cada turma;



2. Caracterização da personagem principal a partir de uma cena curta;
3. Representação da autora da obra, bem como sua autoapresentação;
4. Elaboração de duas perguntas por turma que foram aplicadas nas turmas rivais;
5. Apresentação de uma atividade surpresa a cargo da criatividade da turma. Tal atividade deveria ter como referência a obra, bem como deveria ser uma apresentação inovadora;
6. Representação de um ritmo musical que estivesse compatível com a obra trabalhada ou com a época representada por ela.

Durante o processo de leitura entre os alunos e organização das atividades da gincana surgiram, espontaneamente, partilhas de experiências negativas motivadas pelas suas cores, até experiências negativas motivadas pelas suas aderências às religiões de matriz africana. A partir desse momento, vimos a necessidade de abordarmos o conceito de racismo estrutural, bem como de racismo religioso. Apoiados na narrativa de Conceição Evaristo, debatemos também sobre os conceitos de etnia, raça, ancestralidade e classe social. Nossa intenção, portanto, foi fazer desse primeiro momento um contato com o grupo social para, a posteriori, conseguirmos fazê-los reconhecerem-se como indivíduos partícipes de um grupo que carregam histórias merecedoras de respeito e merecedoras de um futuro distante do qual a sociedade planeja para os moradores das favelas.

As atividades elaboradas pela turma apresentaram uma riqueza de efeitos particulares tanto quanto coletivos. Organizamos uma pequena cena representando um “beco humano” onde um jovem negro era pego pela polícia e sofria as violências físicas e verbais que o racismo proporciona. À frente desse beco estavam dispostos retratos de grandes personalidades negras que contribuíram para a reelaboração dos processos sociais. Depois de pego pelos policiais e violentado verbalmente por outras pessoas, o jovem recorreu ao pai Ogum para ser liberto. Esse recorte cênico criado pelos discentes consegue trazer à tona suas necessidades de reafirmarem sua ancestralidade a partir da



proposição do respeito, uma vez que “A relação dos povos africanos com seus ancestrais é marcada pelo respeito e pela devoção” (SILVA, 2018, p. 68).

CONSIDERAÇÕES

[...] a nossa casa era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio contava. Eu, menina, repetia. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. (MOREIRA & SCHNEIDER, 2005, p. 1).

Vizinhos que se ajudam na partilha de comida, uma parteira que ajuda às mães sem condição de parir num hospital, um morador que luta pelos direitos de igualdade dos moradores de favela: personagens que sobreviviam diante das péssimas condições de vida, mas que, ainda assim, não perdiam a esperança de um mundo melhor. Essa é a narrativa de “Becos da Memória” e essa é a narrativa da maioria dos brasileiros. Muitos deles perpassam nossas salas de aula e, por vezes, não conseguem mergulhar em suas narrativas para compreenderem sua ancestralidade. O preconceito, a miséria e a desigualdade social devem se portar como temáticas para além dos componentes curriculares. A leitura, quando estimulada e instituída no ambiente escolar, é fundamental para esse processo, pois, como vimos, ela se porta como estratégia de reconhecimento ancestral e social.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro Pallas Editora, 2018.

MOREIRA, N. M. de B. & SCHNEIDER, L. **Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. João Pessoa, UFPB: Ideia Editora Universitária, 2005.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.



SILVA, Franciane da Conceição. A presença da ancestralidade em narrativas de Conceição Evaristo e Mia Couto. **Cadernos Cespuc**, Minas Gerais, 1º semestre, n 32, p. 67-77, 2018.